

7

Considerações finais

O número crescente de separações e, sobretudo, de divórcios no Brasil e em todo o mundo, aliado às mudanças culturais e à conquista cada vez mais estável da mulher de sua autonomia, independência e auto-suficiência financeira e social, culminaram na disseminação abundante desta configuração familiar em todas as camadas sociais: a família monoparental feminina. Poucos estudos, principalmente no Brasil, investigam esse fenômeno, especialmente o ponto de vista da mulher sobre a família monoparental. Esta pesquisa vem ao encontro do preenchimento desta lacuna.

Mais do que simples dados qualitativos que possam corroborar a literatura existente, os dados extraídos das falas das mulheres entrevistadas indicam alguns padrões singulares, com características próprias, que se repetiram, e foram compartilhados por diversas participantes.

No que tange às experiências após a separação, constatamos, no relato das mulheres, um olhar bastante positivo com relação à separação. Todas as participantes tinham mais do que dois anos de separadas ou divorciadas, e nenhuma delas jamais cogitou a possibilidade ou desejo de retornar à situação anterior. Embora assumindo as dificuldades e os obstáculos a ser transpostos com a dissolução da conjugalidade, a mudança, sem dúvida, foi considerada como para melhor.

As mães entrevistadas falaram abertamente sobre suas percepções acerca dos pais de seus filhos. Os pais foram freqüentemente referidos, comprovando, sobretudo, a manutenção do vínculo de co-progenitores entre os ex-cônjuges. Aqui observamos uma divisão. Em torno da metade das participantes confirmaram a melhoria da atuação paterna após o afastamento do convívio contínuo e diário do pai com os filhos. A outra porção declarou possuir relações conturbadas, conflituosas e mal resolvidas com os pais de seus filhos, muitas vezes envolvendo a indiscriminação entre conflitos relativos à conjugalidade e à parentalidade. Uma característica marcante e compartilhada por praticamente todas as participantes foi a consideração da postura paterna como imatura.

Outro aspecto bastante recorrente e destacado nas falas dessas mulheres foi a postura antagônica relativa à visão de família. Por um lado, elas apresentavam uma vivência autônoma e independente em relação às decisões e aos comportamentos que envolvem a família monoparental, denotada por inúmeras atitudes neste sentido; e, em contra-partida, declaravam concepções idealizadas, tradicionais ou conservadoras sobre a família intacta.

O caráter autônomo sempre se mostrou em destaque no discurso dessas mulheres. Percebemos, nitidamente, a diferenciação entre felicidade conjugal e felicidade familiar. Ou seja, elas não admitiam, em hipótese alguma, preservar um casamento infeliz em prol da manutenção da imagem de uma família nuclear intacta. A busca por um relacionamento saudável, positivo e fonte de realização pessoal, colocou-se acima do vínculo conjugal. Portanto, essas mulheres não permaneceram casadas com os pais de seus filhos somente por esta “simples” justificativa. Ressaltamos que o reconhecimento da positividade da monoparentalidade se torna possível quando se consegue discriminar a relação conjugal da relação familiar. No setor afetivo-sexual, as mulheres participantes

esboçam movimentos distintos. Algumas, não investem na vida amorosa. Outras, vivenciam essa dimensão ativamente, namoram, e valorizam a área afetivo-sexual. No entanto, todas concordam que se trata de um setor de cunho pessoal. Ou seja, não diz respeito à necessidade dos filhos de “ter um pai em casa”, mas sim, de uma complementação pessoal.

Em contra-partida, muitas falas dessas mulheres refletem a permanência de um conservadorismo subjacente, a família monoparental é considerada de alguma forma uma estrutura na qual falta algum elemento ou que ainda esta para ser preenchida. Observamos uma certa idealização da família e do papel paterno.

Em alguns momentos, as participantes revelaram seus sentimentos de (in)completude com relação à situação monoparental. Sentimento este amenizado pela visão que estas mães têm sobre a opinião dos próprios filhos. Segundo elas, as crianças, em sua maioria, se encontram muito bem adaptadas ao lar monoparental, desfrutando inclusive de algumas vantagens ou mesmo desconsiderando a existência de outros arranjos familiares.

Do ponto de vista prático, da rotina cotidiana, os elementos referentes à rede de apoio foram amplamente citados nas entrevistas. As participantes relatam o auxílio primordial de seus familiares, sobretudo, mãe (avó materna), nos momentos posteriores à separação. A família estendida provê a família monoparental com apoio psicológico, emocional, e, por vezes, financeiro. Além da ajuda familiar, as mães de camada média e média social alta relatam contar com o auxílio das empregadas domésticas nos cuidados e criação de seus filhos. A participação da família paterna como fonte de apoio é menos referida. Quanto maior o apoio e a participação paterna, além da boa interação e do bom relacionamento entre os ex-cônjuges, menor se mostra necessária a participação de outros elementos da rede de apoio.

Do ponto de vista social, as mulheres entrevistadas declararam haver modificado o seu círculo social de amizade. Algumas mantêm vida social individual paralela aos momentos de lazer com os filhos, outras demonstram não possuir diversão ou vida social dissociadas do seu(sua) filho(a).

O estreitamento do vínculo mãe/criança é evidenciado em todos os relatos, corroborando a literatura sobre a família monoparental. A maternidade apresenta-

se como fonte de satisfação e de realização pessoal, configurando também, na maior parte dos discursos, o elemento centralizador da vida das participantes. Mesmo quando a dimensão profissional é priorizada, está direcionada para possibilitar o melhor provimento para os filhos.

Enfim, os relatos femininos mostraram uma vivência positiva da situação de monoparentalidade. Essas mulheres demonstraram priorizar a boa relação com seus filhos e filhas, a coerência em suas decisões no sentido de buscar o bem-estar emocional familiar, assim como a realização pessoal dissociada da necessidade de um vínculo conjugal.